

Como Estabelecer uma *PLAAF* Decisiva e Ofensiva

Uma Revisão Crítica da obra *The Centenary of the Air Force* do Tenente-Brigadeiro-do-Ar Liu Yazhou

GUOCHENG JIANG

NO DIA 1º de outubro de 2009, a República Popular da China celebrou seus sessenta anos com todo tipo de armamento moderno em desfile pela Praça Tiananmen, em demonstração de força sem precedentes. Logo após, A Força Aérea do Exército de Libertação Popular da China (*PLAAF*) também completou sessenta anos no dia 11 de novembro de 2009, lançando sua série comemorativa. Em *blitz* da mídia, com espetáculos de televisão, jornais e seminários, vários estrategistas da *PLAAF* entraram em foco para falar do passado, presente e futuro estratégicos. Entre eles, o Tenente Brigadeiro-do-Ar Liu Yazhou denominado pela audiência chinesa de “Douhet da China”, provavelmente devido a reputação de intelectual progressista intrépido, veemente orador e fascinante personalidade.¹ O General italiano Giulio Douhet defendeu o bombardeio estratégico, mas seu livro *Il Dominio dell’Aria* [O Domínio do Ar] foi tão controversial que atraiu forte crítica de colegas militares e muitos interpretaram o texto como uma teoria de “guerra total”. O Brigadeiro Liu, pelo contrário, conseguiu grande apoio e vem exercendo muita influência nos componentes da potência aérea chinesa. Nesse sentido, e até certo ponto, para podermos compreender o raciocínio do Brigadeiro Liu é necessário compreender a *PLAAF*.

Os documentos escritos pelo brigadeiro estabelecem o mesmo como intelectual preeminente da potência aérea. No dia 10 de novembro de 2009, uma edição especial da publicação *Military Weekly* do Exército de Libertação Popular (*PLA*) incluiu a versão abreviada de sua monografia, O Centenário

da Força Aérea, que primeiro apareceu no início da década de 2000, em Chinês, e depois em 2008, versão em inglês, juntamente com outros artigos importantes seus.² A monografia apresenta vários pontos de vista singulares, referentes aos empreendimentos da *PLAAF* para transformar-se de mero apêndice das outras forças à situação atual de força independente, pontos de vista que permitem perspectivas importantes aqueles que buscam compreender o contexto histórico da *PLAAF*. O ponto de vista do Brigadeiro Liu acerca das considerações estratégicas chinesas provou ser altamente influente entre a elite dos estrategistas da *PLAAF* que contribuem para transformar a força aérea em força estratégica projetada para desempenhar funções ofensivas independentes, e papéis decisivos em guerras futuras. Esse artigo destila a essência da monografia do Brigadeiro Liu, analisando-a, de forma crítica, a fim de providenciar à audiência Ocidental certos pontos de vista e perspicácia de altamente respeitado defensor da potência aérea chinesa.

Três Revoluções e Três Passos

O Brigadeiro Liu divide o desenvolvimento de assuntos militares em três estágios revolucionários. A primeira revolução ocorreu durante o século XIX quando as marinhas puseram um fim ao domínio de guerra pelas forças de superfície. A segunda revolução tomou lugar durante a Segunda Guerra Mundial, quando a Alemanha, embora possuísse aviões de caça e aeronaves de ataque taticamente superiores, foi derrotada pela força britânica,

igualmente potente, mas estrategicamente orientada (e Aliada), com frota excepcional de bombardeiros estratégicos. A terceira revolução que iniciou em princípios da década de noventa e continua até hoje, é em especial importante às forças aéreas mundiais. Como diz o Brigadeiro Liu, “Os campos de batalha aéreos são agora os campos de batalha decisivos; as vitórias aéreas são as vitórias decisivas”.³ Essa asseveração atualmente reverbera em todos os documentos principais da PLAAF, tais como *Millitary Ideology of the Air Force*, promulgada durante a Guerra do Golfo em 1991, quando a PLAAF notou como a Força Aérea norteamericana levou a efeito a Operação Tempestade no Deserto.⁴ Com o advento da guerra de Kosovo em 1999 e a guerra do Afeganistão em 2001, a PLAAF começou a contemplar seriamente seu próprio futuro. Essas três guerras, dramática e rapidamente, influenciaram o modo de pensar da PLAAF. Após completo estudo, a PLAAF defendeu o alcance de objetivos de guerra “através do uso único de ataques aéreos” (pág 18). O Brigadeiro Liu considera as três guerras como os três passos da terceira revolução, levando em consideração que a Guerra do Golfo foi essencialmente tática, a guerra de Kosovo que evoluiu à operação de campanha em escala, com objetivos estratégicos e a guerra do Afeganistão, amplamente estratégica.

O Brigadeiro afirma que ao passar pelas três revoluções, as forças aéreas principais do mundo progrediram de meros adjuntos a participantes decisivos de guerra. Assim, a PLAAF deve aperfeiçoar sua capacidade estratégica para passar ao próximo estrato das nações de potência aérea.

A Teoria de Douhet

Douhet nunca exerceu grande influência na PLAAF, a muito dominada pela doutrina militar soviética, até o final da década de oitenta, quando a revolução em assuntos militares que varreu as forças armadas principais do globo, [também] alcançou a China. Uma vez estabelecidas em território chinês, as ideias de Douhet floresceram, à medida que a antiga influência soviética declinava.

O segundo capítulo da monografia do Brigadeiro Liu analisa as teorias de Douhet, concentrando-se na eficiência e eficácia do bombardeio estratégico. Clama que a regra de ouro da guerra moderna é a firme convicção de Douhet de que “perder no ar é perder a guerra” (pág 26). Liu nota que Douhet não designa a força aérea de instrumento de apoio à guerra de superfície, propondo, ao contrário, que a força aérea deve travar guerra aérea ofensiva independente, para “por um fim à mesma, antes que as forças navais e de superfície entrem em ação” (pág 27). Liu reconhece que durante a Segunda Guerra Mundial, o Exército Vermelho Soviético refutou as ideias de Douhet, conseguindo certas vitórias terrestres decisivas, mas conclui que os Soviéticos derrotaram a Alemanha, porque a *Luftwaffe* foi forçada a travar batalhas aéreas táticas. Sob seu ponto de vista, nem um lado nem o outro compreendia bem o que Douhet queria dizer com comando aéreo “absoluto”. Assim, ambos continuaram a lutar para conseguir o comando aéreo “relativo”, cedendo, assim, o papel decisivo às campanhas terrestres. Contudo, Liu assevera que a guerra de Kosovo de 1999 vindicou a teoria da guerra aérea de Douhet tarde demais.

Como muitos defensores de Douhet, o Brigadeiro Liu evita comentar acerca do aspecto mais controversial de seus documentos, i.e., suprimir a determinação do povo, ao expor a população civil ao terror da destruição – guerra total. Em círculos militares ocidentais, contudo, a ideia de Douhet acerca da determinação do povo é uma controvérsia que já dura há décadas. Embora Liu continuamente citasse a guerra de Kosovo e a Operação Liberdade do Iraque como prova da teoria de Douhet, alguns analistas ocidentais observam que embora as forças americanas obtivessem sucesso em Kosovo, via campanha de bombardeio que conseguiu efeitos desmoralizantes na população de Belgrado, a campanha de “choque e respeito” da Liberdade do Iraque esmagou as forças militares de Saddam Hussein, em parte, mas não causou lá muita impressão nos iraquianos. Ao observar as guerras atuais no Iraque e Afeganistão, os analistas ocidentais alegam que, em lugar de suprimir a determinação

do povo, as forças armadas americanas deveriam tentar conquistar sua mente.

É óbvio que as forças norteamericanas adotaram esse ponto de vista. Por exemplo, o general do exército norteamericano William S. Wallace alega: “como aprendi durante as operações após a ‘corrida explosiva’ à Bagdá, o conflito atual contém certo elemento humano muito resiliente em operações levadas a cabo com e entre o povo.” Ao reconhecer esse fato, Wallace declara que “levar a efeito as operações de espectro-total – ofensivas, defensivas e operações estabilizadoras ou de apoio civil, simultaneamente – é o tema principal do manual de 2008” (*Field Manual 3-0, Operations*) (grifo adicionado). Nessa introdução à versão atualizada do Documento Doutrinário da Força Aérea 2-3, *Irregular Warfare*, o Ten Gen Allen Peck, ex-encarregado do desenvolvimento doutrinário da Força Aérea, também notou que a guerra irregular é guerra de espectro total, cujo enfoque muda, de derrota das forças militares do inimigo à conquista do apoio da população geral.⁶ As observações de ambos os generais indicam que as guerras modernas desviam-se dos padrões convencionais. Assim, o bombardeio em si não consegue os objetivos nacionais, a guerra total não é a solução e a vitória depende muito, necessariamente, dos soldados “pés de poeira”.

O Patamar Nuclear

O Brigadeiro Liu, com perspicácia, relaciona o desenvolvimento da potência aérea ao conceito de patamar nuclear – o ponto em conflito no qual as armas nucleares podem vir a ser usadas. Acredita que os Estados Unidos primeiro estabeleceram o patamar nuclear logo após os bombardeios de Hiroshima e Nagasaki, não permitindo que eles ou nenhuma outra [nação] cruzassem o mesmo. Para reiterar, os Estados Unidos foram os primeiros a cruzá-lo, por meio de armamento aéreo convencional. As forças aéreas modernas, com sua velocidade, alcance, precisão e mobilidade são suficientemente poderosas para deter adversários ou fazer com que inimigos formidáveis cheguem a termos, sem a ameaça do uso de armas nucleares. Ao caracte-

terizar o ataque aéreo norteamericano contra a Líbia em 1986, como a primeira batalha que cruzou o patamar e o “modelo embriônico de guerras a seguir”, Liu declara que “naquela batalha, encontram-se traços de todas as características da nova era militar” (pág 30).

A PLAAF concorda por completo com esse ponto de vista. Por exemplo, de acordo com a *Military Ideology of the Air Force*: “Em guerras modernas locais, embora o risco do emprego de armas nucleares ainda exista, o aspecto prático da capacidade de ataque de precisão remota da potência aérea convencional ultrapassa, de longe, a de armas nucleares. Assim, a primeira pode muito bem tomar o lugar da segunda como opção estratégica principal”.⁷ Outro analista proeminente da PLAAF, o Cel Sênior Yaho Yunzhu, nota que “ao estudar o raciocínio nuclear dos antigos líderes chineses, como Mao Zedong e Deng Xiaoping, descobrimos que nem um nem o outro considerava as armas nucleares passíveis de serem utilizadas em campo de batalha da mesma forma que meios convencionais. Ademais, tampouco acreditavam que as guerras nucleares podiam ser combatidas e vencidas de modo comedido e controlado”.⁸ Sob tal ponto de vista, o desenvolvimento militar chinês em anos recentes concentrou-se em fortalecer a capacidade estratégica convencional e não a capacidade de dissuasão e contra-dissuasão, com enorme prioridade dedicada à modernização da força aérea. Colocando esses empreendimentos sob o ponto de vista de Liu, pode-se ver que a China encontra-se, seriamente, em fase de preparativos para transpor o patamar nuclear “dos céus” (pág 29). Liu acredita que, à medida que a potência aérea torna-se mais formidável, a dissuasão nuclear vem a ser menos relevante. Globalmente, vários incidentes apoiam ainda mais a declaração de Liu: o bombardeio da fábrica na Síria que Israel suspeitava ser de [armamento] nuclear em 2007, o disparo de míssil norte-americano à fábrica de produtos farmacêuticos no Sudão em 1998 que, supostamente, produzia gás que afeta o sistema nervoso e, a ameaça de Israel em usar ataques aéreos preemptivos contra as dependências nucleares do Irã.

O Grande Muro

O Brigadeiro Liu, defensor da potência aérea, vê o Grande Muro da China sob perspectiva única. Por um lado, percebe-o como obra prima humana e fonte de orgulho arquitetônico histórico. Por outro, crê ser humilhante, porque essa linha de defesa nunca conseguiu por um fim às invasões do norte. Liu vê a Linha Maginot da França, projetada para evitar um ataque alemão, com desdém, como outro fiasco, similar ao do Grande Muro. A única diferença é que o Grande Muro somente foi sobrepujado por forças terrestres e a Linha Maginot por uma combinação de forças terrestres e aéreas, em campo de batalha tri-dimensional. Liu prossegue, interpretando a ofensiva japonesa do Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial, como aquela que tentava estabelecer, “nas palavras de Isoroku Yamamoto, ‘uma linha de defesa marítima contra os Estados Unidos’”, somente para sofrer golpe esmagador dos céus. (pág 35). Menospreza a linha de defesa iraquiana no deserto, durante a primeira Guerra do Golfo como a última linha de defesa terrestre, que provou ser totalmente ineficaz contra a potência aérea norte-americana moderna. Ao citar e comparar essas linhas de defesa históricas, Liu destaca o significado das “forças armadas norte-americanas quando esmagaram a linha de defesa de Saddam”, denominando a ocasião de marco, durante a qual “o padrão de defesa tradicional foi eliminado da guerra” na era de expansão da potência aérea (pág 36).

Três Tipos de Força Aérea

Seguindo esse raciocínio, o Brigadeiro Liu mantém que as linhas físicas de defesa tornaram-se obsoletas, devido a potência aérea, mas que as linhas cognitivas de defesa podem ser penetradas somente quando se cultiva “perpétuo espírito [agressivo]” (pág 37). Liu divide as forças aéreas modernas em três tipos: defensiva, ofensiva, e tanto defensiva como ofensiva. Alega que, atualmente, a PLAAF é a única grande força em processo de evolução, a fim de alcançar o terceiro patamar (defensivo/ofensivo), guiada pela estratégia de defesa

ativa da China. Contudo, reconhecendo que a função básica da potência aérea é ofensiva, “mantém que o núcleo simultâneo ofensivo/defensivo é o ofensivo. Em outras palavras, o ataque é a melhor defesa” (pág 38). Liu acredita que somente uma força aérea que segue a linha ofensiva pode competir com a situação de grande potência da China. Em outras palavras, em sua tentativa de alcançar sólida ascendência durante o século XXI, a China deve desenvolver potência aérea ofensiva para expandir seus interesses. Assegura que essa crença está baseada, não somente em compreensão da natureza da força aérea, mas também em compreensão da essência da China como grande potência.

As Fronteiras de Interesses Nacionais

O Brigadeiro Liu observa que além de proteger o território nacional, a segurança nacional possui a função mais importante de proteger os interesses nacionais. As fronteiras territoriais de uma nação são restritas, mas os interesses nacionais não possuem limites. Com essa definição em mente, adverte que a China deve diferenciar entre defesa de fronteiras territoriais e a manutenção de fronteiras de interesse nacional seguras. Quanto maiores essas últimas, tanto maior a segurança da primeira. A linha de frente de segurança deve estender-se até o ponto em que chegam os interesses da nação. Os Estados Unidos operam de acordo com esse princípio e assim também deve agir a China. Além do mais, os Estados Unidos ativamente empregam sua Força Aérea até onde levam seus interesses estratégicos. A China deve fazer o mesmo, utilizando a PLAAF para fortalecer os objetivos nacionais. Liu cita a famosa declaração do Adm. Dennis C. Blair, ex-Comandante do Comando do Pacífico Norte-americano: “Respeitamos a autoridade do Exército de Libertação Popular em seu território, mas devemos fazer com que compreendam que os oceanos e os céus a nós pertencem.” (pág 44). Liu então reitera a urgência em acelerar o avanço da PLAAF: “O desenvolvimento da potência aé-

rea da China não é algo que é dispensável ou pode ser protelado” (pág 50). Em outra monografia bem divulgada, *The Grand National Strategy*, Liu elabora em maiores detalhes, como a China pode transformar o ambiente de segurança ao longo de sua periferia.⁹

O Combate Aéreo

Para o Brigadeiro Liu, a Guerra do Vietnã foi um evento que demarcou a linha divisória, durante o qual a potência aérea norte-americana pôs um fim ao combate aéreo. Observa que seu último ás foi o Cap. Steve Ritchie da Força Aérea norte-americana, que derrubou cinco MiGs durante a Guerra do Vietnã. A guerra moderna, alega, não mais oferece a oportunidade para que pilotos brilhem como gladiadores aéreos. Esse tipo de combate desapareceu quase por completo desde o advento da capacidade de ataque global. O avanço da ciência e tecnologia rapidamente torna obsoleto o papel de supremacia aérea dos caças. De acordo com essa tendência, Liu observa que a maioria dos países não mais fabrica aviões de caça dedicados ao combate aéreo. Enquanto isso, os aviões caça-bombardeiro modernos, que podem travar combate em todo tipo de ambiente, tornam-se cada vez mais importantes. Liu cita a Força Aérea Norte-americana como exemplo típico de uma força cujos caças-bombardeiros compreendem, agora, a grande maioria de sua frota de combate. Em comparação, a *PLAAF* parece ser a exceção, somente com o bombardeiro estratégico *H-6*, e o bombardeiro de ataque *Q-5*. Notando o contraste, Liu lamenta que a China “continua enfocada em combates aéreos” (pág 42). Descontente com a situação, “declara que uma força aérea não deve ser meramente uma força de caças”, ecoando o ponto de vista de Douhet que, “até uma força de caráter defensivo deve possuir poderoso contingente de bombardeiros” (pág 40).

Pode ser que alguns analistas disputem a declaração de Liu de que a Guerra do Vietnã pôs um fim a era do combate aéreo, ao citar, sem hesitação, a mesma batalha do Vale do Bekaa de 1982 que Liu usa para provar que o combate aéreo está de saída. Naquela batalha,

a Força Aérea Israelita, armada com aeronaves modernas com Sistema de Alerta e Controle, não só destruiu todas as baterias superfície-ar da Síria e postos de radar, mas também abateu mais de 80 MiGs sírios em combate aéreo.¹⁰ Embora a maioria dos aviões de caça sírios tenha sido abatida antes dos pilotos terem tido a oportunidade de engajar as aeronaves israelitas, a batalha do Vale do Bekaa continua sendo exemplo de combate aéreo.

A Guerra do Povo

Embora quase todos os comunicados governamentais de defesa chineses realcem a importância e relevância da “guerra do povo”, que Mao Zedong, o fundador da República Popular da China, postulou e praticou com sucesso, o Brigadeiro Liu alega que a guerra do povo é, em essência, defensiva. Seu objetivo é trocar o espaço pelo tempo e está completamente fora de linha com a natureza da guerra moderna. A guerra do povo baseia-se em discernimento estratégico e é um poço sem fundo que devora os recursos militares do inimigo. A guerra atual, contudo, é ofensiva e multi-dimensional, sempre iniciando com ataques aéreos, desafiando e transcendendo as ideias tradicionais de discernimento estratégico. Para provar esse ponto, Liu cita uma anedota da guerra de Kosovo de 1999: “Ouvimos um velho sérvio orando, ‘Deus, se o Senhor sente pena dos Sérvios, faça com que a OTAN aterrise . . . [Vamos] lutar . . . no solo, . . . ganhar ou perder’” (pág 18). Atualmente, encontramos observações similares em muitos relatórios de guerra, feitas pelos combatentes do Talibã que se escondem nas montanhas, dentro de cavernas. Liu conclui que o campo de batalha principal foi transferido para os céus “e queira ou não queira, o ‘povo’ nada pode fazer a respeito” (pág 44).

Liu adota a posição, um tanto radical, duvidando que a teoria de Mao volte, algum dia, a ser popular. Ainda assim, logo após a publicação inicial da monografia do Brigadeiro, o mundo testemunhou o cerco de Fallujah no Iraque e a guerra Israel-Hezbollah de 2006, na qual o “povo” desempenhou papel importante. Ademais, na era emergente da guerra

cibernética, é possível que a população civil transforme-se em *hackers*, travando todos os combates em espaço virtual. Um autor chinês já prediz esse cenário, vendo milhares, senão milhões de “guerreiros fantasma” lutando nesse tipo de “guerra informática do povo”.¹¹

A Manifestação da Determinação Nacional

O Brigadeiro Liu declara que existem duas potências militares de primeira classe no mundo – os Estados Unidos e Israel – e que compartilhem uma particularidade de grande impacto: ambas favorecem a potência aérea. Aludindo ao termo “diplomacia de navio de guerra”, Liu descreve como os Estados Unidos levam a cabo a diplomacia aérea para trazer o mundo todo debaixo das asas de seus aviões. A Invasão de Grenada em 1983, a derrota do presidente Manuel Noriega no Panamá, a Guerra do Golfo de 1991 e a guerra de Kosovo de 1999, são apenas alguns exemplos. Liu vai ainda mais longe, referindo-se à Força Aérea Israelita como o “anjo da guarda” da própria sobrevivência do país (págs 45, 46). Como estrategista da potência aérea, Liu concorda que Israel deve maximizar a precisão, velocidade, alcance e letalidade da potência aérea, a fim de evitar guerras prolongadas que não pode custear, citando a batalha aérea principal do Vale do Bekaa em 1982, a missão de resgate em Entebbe na Uganda e o bombardeio do reator Osirak do Iraque em 1981 como casos clássicos em que a potência aérea solidificou a determinação nacional.

Liu observa que sempre que incidentes ocorrem em alguma parte do globo, a primeira reação dos Estados Unidos é enviar aviões. Além disso, devido ao fato de que as forças aéreas possuem “a maior força combatente em tempos de guerra”, Liu considera a potência aérea “a dissuasão mais potente em todas as outras ocasiões e . . . assim, a melhor ferramenta para fortalecer a determinação nacional” (pág 46). Conclui que os ataques aéreos não só satisfazem os efeitos militares mas também conseguem os objetivos nacionais e que a potência aérea é usada não só

para demonstração de força militar mas também para colocar em evidência a resolução nacional.

A Guerra Eletrônica

Embora a batalha do Vale do Bekaa seja amplamente considerada um sinal da nova onda de revolução tecnológica que varria a arena da potência aérea, inicialmente não parecia alarmar profundamente a PLAAF. Entretanto, após observar os fenômenos inexplicáveis, anormais, nos céus ao longo da costa sudeste da China em 1994, os militares chineses suspeitaram que os Estados Unidos haviam iniciado uma guerra eletrônica contra a China. O Brigadeiro Liu clama que, sem que a China soubesse, pode ser que os bombardeiros *Stealth* norte-americanos haviam penetrado seu espaço aéreo. “Chegou a revolução!”, brada o Brigadeiro (pág 52).

Como muitos estrategistas militares chineses, Liu não diferencia claramente entre as operações eletrônicas que tomam lugar principalmente em espectro electromagnético e as operações de dados que ocorrem, na maioria, em espaço cibernético. O termo caracteristicamente chinês, “*informatização*”, que cobre ambos os domínios, continua sendo popular nos círculos militares chineses. Ao observar essa *informatização* da guerra tomar forma, na qual a potência aérea desempenha grande papel, Liu declara que essa revolução tecnológica contínua ocorre em três estágios: primeiro é a transformação do comando baseado na superfície, ao comando aéreo e, então, ao comando integrado capacitado pelos sistemas aéreos avançados de alerta; em seguida, as aeronaves controladas remotamente levam a cabo missões de ataque e bombardeio; o terceiro estágio, ainda por vir, irá colocar em realce o confronto na *Web* e a guerra cibernética. Liu acredita que o fator decisivo é a sistematização de diferentes tecnologias eletrônicas em rede distributiva, mas, ainda assim, coerente. Esse ponto de vista é compartilhado pela liderança do PLA. Os observadores veem que muitos exercícios conjuntos recentes entre as guarnições enfocaram-se em treinamento de combate, abrangendo confrontos

de sistema em rede, tanto em espectro eletromagnético, quanto em espaço cibernético. Ao presenciar a evolução da capacidade cibernética a capacitadora crucial, Liu, com audácia, prediz que, à medida que a capacidade convencional sofisticada da potência aérea gradativamente torna a dissuasão nuclear irrelevante, as potências maiores, com superioridade de informação, podem criar uma “cobertura de ‘dados’”, que substitui a cobertura nuclear (pág 53). Talvez essa profecia venha a confundir os analistas que veem a cobertura nuclear dos aliados europeus e asiáticos pelos Estados Unidos primariamente como meio de desencorajar esses países de desenvolver e manter seus próprios arsenais nucleares e, em segundo lugar, como parte de dissuasão difundida. Assim, se a profecia de Liu tornar-se realidade, as tentativas de não-proliferação nuclear devem primeiro chegar a um ponto próximo à visão do Presidente Obama de um “mundo sem armamento nuclear”.¹² Os Estados Unidos esforçam-se, e muito, a fim de estabelecer “nova arquitetura regional de dissuasão, feita sob medida, o que tornará possível um papel menor para o armamento nuclear na estratégia de segurança nacional”.¹³ Ao mesmo tempo, a partilha de dados entre os Estados Unidos e aliados, na verdade, torna-se mais crítica para a segurança nacional e global. Mas como e quando essa colaboração passará a ser uma cobertura que funcionará como a atual cobertura nuclear ainda não se sabe.

A Fronteira de Grande Altitude

O Brigadeiro Liu nota como a história americana contém fronteiras em constante mudança, tanto horizontal como verticalmente. Após o 50º Estado ingressar à União, os Estados Unidos continuaram a estender as fronteiras externas como líderes da aliança ocidental. Agora, uma vez mais tomaram a liderança, ampliando a fronteira para o alto. O século XX presenciou a teoria da potência marítima, seguida pela da potência aérea. No século

XXI, Liu antecipa que a teoria e prática da potência espacial certamente prevalecerão.

Liu assevera que quem dominar o espaço dominará o mundo, exatamente como consta no livro de James Oberg, *Space Power Theory*. Ademais, ao comparar a evolução da aeronave com a da espaçonave, prediz que a inclusão de armas cinéticas e não-cinéticas em plataformas espaciais é raciocínio lógico, “da mesma maneira que metralhadoras e canhões aéreos foram adaptados para uso em aeronaves no início da Primeira Guerra Mundial” (Pág 56). Sumariza seus pontos de vista, dizendo que o “espaço é a última palavra em ponto vantajoso durante guerra. . . a última palavra em oportunidade para todos os países e todas as forças armadas” (pág 56).

A Guerra Contra a China e a Guerra Contra Taiwan

O Brigadeiro Liu conjectura que os Estados Unidos não querem fazer com que a China pare seu desenvolvimento. Somente desejam que a China desenvolva-se dentro dos parâmetros por eles demarcados. A possibilidade de guerra existe se a China passar por cima da linha vermelha pré-estabelecida pelos Estados Unidos, que, afinal de contas, estão cansados de vê-la apoderando-se de recursos em todo o mundo. Reconhecendo o fato de que a maior parte das guerras ocorrem devido a recursos, Liu, sem reservas, nota que os Estados Unidos “usam Taiwan para isolar nosso acesso a mercados” e “interceptam nosso petróleo com a guerra no Afeganistão” (pág 49). E, se uma guerra irromper entre esses dois países? O Brigadeiro Liu prediz que definitivamente seria aérea: “O inimigo não enviará um só soldado ao território chinês. Os ataques aéreos decidirão a sorte e a sobrevivência de nosso país” (pág 23). Ademais, espera-se que a ocorrência de tal guerra, apagará a distinção entre as linhas de frente e de retaguarda ou resistência avançada e sólida defesa: seria omnidirecional, com ataques que provêm do, ou além do, horizonte; breve, mas com grandes baixas; e envolta em rede de informática que a tudo abrange.

Do mesmo modo, Liu nota que uma guerra contra Taiwan seria um conflito aéreo. Devido ao grande acúmulo de potência aérea, sugere que a *PLAAF* deveria: “(a) arcar com a maior parte da operação; (b) estar preparada a desempenhar papel de liderança; e (c) ser capaz de travar uma guerra frontal e independente e, como dizem os outros, “dar tudo” (pág 25). O Brigadeiro assevera que “se garantirmos os céus, o Taiwan será nosso” (pág 24).

Ao passarmos o raciocínio do Brigadeiro Liu por escrutínio acerca da possibilidade de guerra com o Taiwan, devemos também prestar atenção a outra de suas monografias: a questão do Taiwan e de sua independência, que o outro lado do Estreito de Taiwan denomina de possível “guerra civil”. Se ocorrer, pode-se questionar se Liu ainda insistiria em lançar ataques aéreos, inerentemente mortais, infligindo completa destruição, pondo em risco a população civil. Contudo, certamente assume que os ataques aéreos modernos são cirúrgicos por natureza e está veementemente “oposto a lançar-se em conflito armado com Taiwan, especialmente um conflito que cause destruição indiscriminada”.¹⁵

O Apoiador e o Apoiado

Forte defensor de forças aéreas independentes, travando guerras independentes, o Brigadeiro Liu parece menos preocupado com a função de apoio da força aérea. Declarou que “pequenos destacamentos de forças terrestres” são enviados “meramente para os ataques de precisão da força aérea”, ao comentar acerca da guerra no Afeganistão, (pág 19). Os leitores podem interpretar essas observações e perceber que o papel das forças terrestres é o de controle aéreo avançado fixo. Contudo, devem manter em mente que a monografia de Liu foi publicada em uma ocasião em que o equilíbrio apropriado entre a função de apoio e de apoiado era questão de debate dentro da Força Aérea norte-americana. Desde então, adaptaram a doutrina aos campos de batalha do Iraque e Afeganistão. Houve uma mudança em ênfase, de ataques aéreos à defesa interna estrangeira, apoio a combate, operações de estabilidade e a

aprendizagem da cultura regional. Embora a *PLAAF* observe e siga tudo o que faz seu par, as discussões similares acerca do papel de apoio e de apoiado raramente aparecem em fontes publicadas da *PLAAF*.

Também notável é a reação, ou falta da mesma, da *PLAAF* acerca da guerra entre Israel e o *Hezbollah* em 2006. Essa guerra gerou enorme atenção dentro dos círculos militares ao redor do mundo, causando certos defensores da potência aérea a imaginar se a guerra de Kosovo de 1999, houvesse sido levada a cabo somente do ar, se viria a ser a norma ou a exceção em guerras futuras. Em contraste, o Brigadeiro Liu, bem como muitos outros estrategistas da *PLAAF*, continua a realçar a importância da potência aérea em desempenhar papel independente e decisivo em guerras futuras.

As Forças Armadas Russas e as Americanas

Da mesma maneira que certo número de artigos e livros redigidos por estrategistas principais da *PLAAF*, Liu, em toda a monografia, rejeita a estrutura da força soviética (russa) e admira as forças armadas norte-americanas. O Exército Vermelho Soviético, que serviu de modelo, apoiando o *PLA* desde o início, é agora objeto da desaprovação dos “pupilos” chineses. A geração atual de líderes da *PLAAF*, que observou maravilhada as minúcias da Guerra do Golfo, pergunta-se como foi que os americanos puderam levar a cabo campanhas aéreas tão espetaculares. O Brigadeiro Liu condensa sua resposta em três pontos: adotaram estratégia militar de raciocínio avançado; pensaram de forma criativa; e empregaram ciência e tecnologia.

As referências favoráveis às forças armadas norte-americanas são abundantes no *The Century of the Air Force*. Tomemos, por exemplo, o comentário de Liu “Embora seja nosso adversário, o Exército dos Estados Unidos é nosso mestre” (pág 20). Prossegue, dizendo que “os Estados Unidos sempre selecionaram os inimigos baseados nos pontos fortes dos outros países e não em suas intenções. A

China passará a ser amiga dos Estados Unidos somente quando for uma adversária que não puderem derrotar” (pág 50) e “o nosso adversário é forte demais, mas mesmo assim, sempre acreditei que viver na época atual, com as forças armadas dos Estados Unidos é uma sorte para as forças armadas chinesas e não desdita. Necessitamos do tipo de grande raciocínio exercido pelas forças armadas norteamericanas” (pág 57). Liu não dissimula o profundo respeito que sente pelos militares norteamericanos, notando que “as forças armadas norteamericanas, embora as mais poderosas, são as que mais estão cientes de crise” (pág 22). Expressa sua admiração filosoficamente, dizendo que “as pessoas debaixo de guarda-chuvas sempre ficam atrás daquelas que correm da chuva” (pág 33) – a inferência é de que aqueles países que passeiam descontraídos debaixo de guarda-chuvas nunca alcançarão os Americanos que estão “cientes da crise”, que para sempre correm, como se estivessem abaixo de grande temporal.

O Custo da Guerra

A admiração é uma coisa, fazer o seguimento é outra. O Brigadeiro Liu, embora aplauda a maneira como a Força Aérea norteamericana lança ataques ofensivos, comenta muito pouco a respeito do custo de guerras com que nenhum outro país fora dos Estados Unidos pode arcar. Declara que os ataques aéreos são “um tipo de guerra de alto custo para substituir a guerra de superfície” (pág 45). Mas os analistas veem que até mesmo um país tão rico como os Estados Unidos está atolado, devido ao custo astronômico das guerras atuais. A Força Aérea norteamericana desesperadamente busca meios de reduzir o número de surtos, economizar combustível e

criar novas técnicas para reduzir o custo. Com a emergência da China, econômica e militarmente, mas ao mesmo tempo sobrecarregada de tantos obstáculos burocráticos, financeiros e técnicos, devemos ver até onde chega. Vamos ver se a *PLAAF* consegue equilibrar a aspiração de usar o estilo de luta americano e a habilidade de travar guerra, mantendo-se [porém] dentro de seus próprios meios e modos.

Conclusão

O Centenário da Força Aérea é apenas o ponto de vista pessoal do Brigadeiro Liu – não a doutrina oficial da *PLAAF*. Contudo, considerando sua situação proeminente de oficial sênior e de recém comissário político da Universidade de Defesa Nacional do *PLA*, bem como o momento oportuno da republicação de sua monografia, há grande motivo para crer que, em grande parte, seus pontos de vista representam o raciocínio típico da *PLAAF*. Nessa nova posição Liu pode facilmente difundir sua influência ideológica às outras forças, através do foro universitário.

A China continua com as diretrizes de defesa ativa e constantemente re-equilibra os elementos defensivos e ofensivos da equação. O mundo testemunha a expansão gradativa da periferia de defesa chinesa. Através de todo esse processo, a *PLAAF* desempenha papel principal na parte ofensiva da equação e grandes mentes estratégicas, como a de Liu, fazem com que permaneça na vanguarda do processo. A aceleração do estabelecimento da potência aérea estratégica chinesa, defendida pelo Brigadeiro Liu, a fim de manter segura a periferia em expansão, possivelmente dominará ainda mais os assuntos militares do *PLA* em anos vindouros. □

Notas

1. Uma busca de “刘亚洲” (o nome chinês de Liu Yazhou) via *Google* ou *Baidu* resulta em muitos artigos e ‘blogs’ que denominam Liu de “Douhet da China.”
2. *Chinese Law and Government*, um periódico bimestral, publicou dois livretos do General Liu: *The Dilemmas and Prospects of China’s Military Modernization and Air Power Strategy* (janeiro-fevereiro 2008), e *The Voice of a Fifth Generation Leader* (março-abril 2007).
3. Liu Yazhou, “*The Centenary of the Air Force*”, *Chinese Law and Government* 41, no. 1 (janeiro–fevereiro 2008): 17. Doravante, as referências relacionadas a esse artigo serão citadas entre parênteses, diretamente no texto do artigo.
4. Min Zengfu et al., *Military Ideology of the Air Force* (空军军事思想概论) (Beijing: PLA Publishing House, 2006), 394.
5. Gen William S. Wallace, “*FM 3-0, Operations: The Army’s Blueprint*”, *Military Review* 88, no. 2 (março-abril 2008): 3, 4, http://usacac.army.mil/CAC2/MilitaryReview/Archives/English/MilitaryReview_20080430_art004.pdf.
6. Lt Gen Allen G. Peck, “*Doctrine Update: AFDD 2-3, Irregular Warfare*”, *Air and Space Power Journal-Chinese* 2, no. 3 (Outono 2008): 55, *Air and Space Power Journal-Português*, (4º Trimestre 2009), 66
7. Min Zengfu et al., *Military Ideology of the Air Force*, 232.
8. Sr Col Yao Yunzhu, “*China’s Perspective on Nuclear Deterrence*”, *Air and Space Power Journal* 24, no. 1 (Primavera 2010): 28.
9. Liu Yazhou, “*The Grand National Strategy*”, *Chinese Law and Government* 40, no. 2 (março-abril 2007): 13–36.
10. CIC Matthew M. Hurley, “*The Bekaa Valley Air Battle, June 1982: Lessons Mislearned?*” *Airpower Journal* 3, no. 4 (Inverno 1989): 60–70, <http://www.airpower.maxwell.af.mil/airchronicles/apj/apj89/win89/hurley.html>.
11. Luo Chyn-Bor, “*The Chinese People’s War: Theory, Application, and Its Significance in Modern Warfare*”, *Air and Space Power Journal-Chinese* 3, no. 3 (Outono 2009): 85.
12. Barack Obama, “*Remarks by President Barack Obama*”, Gabinete do Secretário de Imprensa, A Casa Branca, 5 abril 2009, http://www.whitehouse.gov/the_press_office/Remarks-By-President-Barack-Obama-In-Prague-As-Delivered.
13. Kingston Reif e Chad O’Carroll, “*Fact Sheet: 2010 Nuclear Posture Review*”, *Center for Arms Control and Non-Proliferation*, 2010, http://www.armscontrolcenter.org/policy/nuclearweapons/articles/fact_sheet_2010_nuclear_posture_review.
14. Liu Yazhou, “*The Issue of Taiwan and Taiwan Independence*”, *Chinese Law and Government* 40, no. 2 (março-abril 2007): 56.
15. *Ibid.*, 60.



O Sr. Jiang (diploma básico do *Shanghai Institute of Foreign Languages*, China; Mestrado, *Nanjing Normal University*, China; Mestrado, *Johns Hopkins University*, EUA) é o Editor de *Air and Space Power Journal-Chinês*. Durante vários anos, exerceu funções em publicação e na indústria de *software* como especialista em idiomas e gerente de projetos. A experiência anterior na China inclui reporter, intérprete, professor e revisor de texto. É o autor de *Gate to GATT* (1993) e co-tradutor de *Dragon Fire* (dois volumes, 1995). Também escreveu vários artigos acerca da cultura chinesa em fase de mudança.